

RECOMPONDO A MEMÓRIA: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias

*Alistair Thomson**

Nos últimos anos, os historiadores orais têm relutado em aceitar o testemunho oral como pura e autêntica “voz do passado”, preferindo explorar os processos de afloramento de lembranças e “recompor” as reminiscências por eles registradas. Essas abordagens levantam importantes questões éticas e epistemológicas, algumas das quais considero neste estudo. Começo apresentando um tosco resumo das transformações que a História Oral vem sofrendo nas duas últimas décadas, passando pelo desenvolvimento de abordagens sofisticadas, até a geração e análise do testemunho oral, enfocando os países que conheço melhor: a Inglaterra e a Austrália. A seguir considero alguns exemplos tirados de meu próprio projeto de História Oral desenvolvido com veteranos de guerra australianos, destacando tanto os valores como as questões propostas por essas abordagens.

Os críticos da História Oral

Na década de 70, a revitalização da História Oral na Inglaterra e na Austrália foi profundamente influenciada pelas críticas de historiadores tradicionais que trabalham com documentos textuais. O principal argumento usado por esses críticos era que a memória não é confiável como fonte histórica porque fica distorcida pela deterioração física e pela nostalgia própria da idade avançada, pelas tendências pessoais tanto do entrevistador como do entrevistado e pela influência das versões coletivas e retrospectivas do passado. Subjacente a essas críticas estava a preocupação de que a democra-

* Professor da Universidade de Sussex.

tização do trabalho dos historiadores estaria sendo facilitada por grupos de História Oral, e o desdém pela evidente “discriminação” da História Oral em favor das mulheres, trabalhadores e comunidades minoritárias.

Incitados por esse desdém, os autores dos primeiros manuais sobre História Oral desenvolveram um critério para avaliar a confiabilidade da memória oral (embora sa-gazmente lembrando aos tradicionalistas que os documentos textuais não eram menos seletivos e tendenciosos). Com base na Psicologia Social e na Antropologia, mostraram como determinar as tendências e fantasias da memória, a importância da retrospecto e a influência do entrevistador no processo de afloramento de lembranças. Baseados na Sociologia, adotaram métodos de amostragem representativa e, com base em documentos históricos textuais, criaram regras para verificação da confiabilidade e da coerência intrínseca de suas fontes. O novo critério forneceu indicações claras e úteis sobre como interpretar as reminiscências e como combiná-las com outras fontes históricas para descobrir o que ocorrera no passado.¹

Entretanto, a tendência a defender a História Oral e usá-la apenas como outra fonte histórica para descobrir “como aconteceu realmente” levou ao descaso por outros aspectos e valores do testemunho oral. Ao tentarem descobrir uma história isolada, estática e recuperável, alguns historiadores às vezes não levavam em conta as várias camadas da memória individual e a pluralidade das versões sobre o passado fornecidas por diferentes narradores. Na tentativa de eliminar as tendências e fantasias, alguns profissionais descuidavam-se das razões pelas quais as pessoas constroem suas memórias de modo específico e não conseguiam enxergar como o processo de afloramento de lembranças poderia ser a chave para ajudá-los a explorar os significados subjetivos das experiências vividas e a natureza da memória individual e da memória coletiva. Não percebiam que as chamadas “distorções” da memória, embora talvez representassem um problema, eram também um recurso.

Um dos grupos que expressaram críticas mais radicais à prática da História Oral no início da década de 80 e que influenciou particularmente a mim e aos co-ativistas tanto da Austrália como da Inglaterra foi o Grupo de Memória Popular Britânico do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos de Birmingham. Esse grupo estava inte-

1 Para uma síntese das críticas dos conservadores, ver Thompson, P. *The voice of the past: Oral History*. Oxford, Oxford University Press, 1988, pp. 68-71, e seu editorial em *Oral History*, vol. 18, n° 1, primavera de 1990, p. 24. Para o debate australiano, ver *Oral History: facts and fiction*. *Oral History Association of Australia Journal*, n° 5, 1983-84.

ressado mais especificamente na relação entre reminiscências pessoais e relatos coletivos sobre o passado e nas ligações entre nacionalismo, nostalgia e reminiscências. Nessa mesma época, um número crescente de historiadores orais de outros países — como Luisa Passerini, Alessandro Portelli e Ronald Grele — estava começando a analisar os processos subjetivos da memória e as relações entre memória, narrativa e identidade.²

Alguns profissionais de História Oral desconfiavam dessas abordagens teóricas, que pareciam representar uma visão “invertida” da memória. Lembro-me da hostil acolhida dada a um trabalho que esboçava uma abordagem sobre “memória popular” apresentado na Conferência Anual da Associação de História Oral Australiana, em 1985. A hostilidade foi confirmada pela impressão de que o orador estaria negando a validade ou autenticidade da memória e pela preocupação de que a linguagem da teoria radical estivesse simplesmente reproduzindo as críticas anteriores à “não-confiabilidade” da História Oral.

Entretanto, no final da década de 80, os historiadores orais ingleses e australianos eram cada vez mais influenciados pelas novas abordagens sobre reminiscências e subjetividade. As apresentações durante a Conferência Internacional de História Oral em Nova York, em 1994, indicaram que nossos colegas brasileiros estavam tomando o mesmo rumo.³ Conforme comentou Paul Thompson no editorial *Oral History* do outono de 1989,

Nossos primeiros — e um tanto ingênuos — debates sobre metodologia e nosso entusiasmo pelos testemunhos sobre “como aconteceu realmente” amadureceram e se transformaram em uma compreensão compartilhada das questões básicas — tanto técnicas como humanas — relativas à nossa profissão; e, igualmente importante, proporcionaram uma avaliação

2 Os estudos do Grupo de Memória Popular incluem: “Popular memory: theory, politics, method”. In: Johnson, R. et al (eds.). *Making histories: studies in history writing and politics*. Londres, Hutchinson, 1982; Dawson, G. e West, B. “Our finest hour?” “The Popular Memory of World War Two and the struggles over national identity”. In: Hurd, G. (ed.). *National fictions: World War Two in british films and television*. Londres, BFI Publishing, 1984; Wright, P. *On living in an old country: the national past in Contemporary Britain*. Londres, Verso, 1985. Ver também Passerini, L. Work ideology and consensus under Italian Facism. *History Workshop Journal*, 8, 1979, pp. 82-108; Portelli, A. The peculiarities of Oral History. *History Workshop Journal*, 12, outono de 1981, pp. 96-107; “Editorial - Oral History”. *History Workshop Journal*, 8, outono de 1979, pp. i-iii; Grele, R. J. *Envelopes of sound: the art of Oral History*. New York, Praeger, 1991 (1985); Thompson, P. I piccoli e il grande. *Oral history* 23, 2, outono de 1995, pp. 27-8.

3 Ferreira, M. M. “Oral History in Brazil: an assessment” (A História Oral no Brasil: uma avaliação), trabalho apresentado na *Conferência Internacional de História Oral em Nova York*, outubro de 1994.

muito mais sutil sobre como toda história de vida entrelaça de modo inseparável provas objetivas e subjetivas, cujos valores, embora diferentes, têm o mesmo peso.⁴

Nos últimos anos, historiadores orais de vários países vêm desenvolvendo métodos de entrevista e abordagens analíticas que envolvem uma compreensão mais ampla das reminiscências e da identidade, e que sugerem novas e interessantes maneiras de tirar o máximo proveito das memórias, em benefício da pesquisa histórica e sociológica. Procuramos explorar a relação entre reminiscências pessoais e memória coletiva, entre memória e identidade e entre entrevistador e entrevistado. Na verdade, geralmente estamos tão interessados na natureza e nos processos de afloramento de lembranças quanto no conteúdo das reminiscências que registramos, e a relação entre as imagens e o conteúdo das reminiscências tornou-se de extrema importância na análise e no uso do testemunho oral.⁵

Memórias dos Anzacs

Passarei agora a relatar o desenvolvimento desses métodos de entrevista e das abordagens analíticas dentro do contexto de meu próprio trabalho como historiador oral. Nos primeiros anos da década de 80, iniciei uma série de entrevistas com veteranos da Grande Guerra de 1914-1918 pertencentes à classe trabalhadora australiana. Os soldados australianos da Grande Guerra — chamados *Anzacs* ou *diggers* (escavadores) — gozam da reputação de terem forjado a nacionalidade australiana através de seu “batismo de

4 *Oral History*, vol. 17, n° 2, outono de 1989, p. 2; Mcconville, C. Oral History or popular memory? The power of talk. *Conferência Anual da Associação de História Oral Australiana*. Melbourne, 1985. Para críticas do Grupo de Memória Popular, ver Lummis, T. *Listening to History*. Londres, Hutchinson, 1987, pp. 117-40.

5 Para novas abordagens, ver a edição “Popular Memory” de *Oral History* 18, 1, primavera de 1990; a discussão revisada sobre memória e subjetividade em Thompson, P. *The voice of the past: Oral History*. Oxford, Oxford University Press, 1988, pp. 150-65; os debates no *International Journal of Oral History*, vol. 6, fevereiro de 1985; Portelli, A. *The Death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in Oral History*. Albany, Suny Press, 1991; e a antologia internacional editada por Samuel, R. e Thompson, P. *The myths we live by*. Londres, Routledge, 1990. Para estudos semelhantes nos Estados Unidos, ver Thelen, D. Memory and American History. *Journal of American History*, vol. 75, n° 4, março de 1989, pp. 1117-29; e Frisch, M. *A shared authority: essays on the craft and meaning of Oral and Public History*. Albany, Universidade Estadual de New York, 1990. Com relação à Austrália, ver Murphy, J. The voice of memory: history, autobiography and oral memory. *Historical Studies*, vol. 22, n° 87, outubro de 1986, pp. 157-75.

fogo” em Gallipoli e no Front Ocidental. Suas realizações e características supostamente “australianas” — independência, espírito de igualdade, coragem, companheirismo e inabalável patriotismo — constituíram a lenda nacional mais significativa da Austrália, a lenda dos *Anzacs*, lembrada em comemorações, histórias e filmes, e representaram o baluarte da política conservadora através de todo o século XX.

Eu queria analisar como as experiências e memórias dos soldados das tropas formadas pela classe trabalhadora se enquadravam na lenda sobre sua vida. Na verdade, minhas entrevistas realçaram certos contrastes entre as experiências vividas pelos *diggers* da classe trabalhadora e minha percepção da lenda dos *Anzacs*. Por exemplo, havia pouco romantismo ou heroísmo nas histórias de guerra que os ex-combatentes me contavam; muitos admitiam que, se pudessem voltar atrás, não se alistariam. Contavam casos conhecidos sobre o espírito de igualdade que reinava entre os soldados do exército australiano, mas a ênfase que davam às vezes era diferente daquela das histórias convencionais.

Por exemplo, o companheirismo era uma lembrança sagrada, mas era um princípio entre os *diggers*, e não necessariamente incluía os oficiais. Em geral, mesmo os soldados que respeitavam os oficiais competentes abominavam as práticas autoritárias do exército. De maneira muito vívida, vários ex-combatentes faziam comparações irônicas entre seu status como heróis nacionais e o modo como foram maltratados depois da guerra. Na verdade, inúmeros “*diggers* radicais” acabaram se desiludindo com as comemorações oficiais em honra dos *Anzacs* e com as conservadoras organizações de veteranos e ingressaram em movimentos socialistas e pacifistas durante o período interguerras. De certa forma, as memórias dos veteranos da classe trabalhadora representam uma história esquecida e até mesmo contraditória.⁶

Contudo, as entrevistas indicaram também que as reminiscências dos soldados da classe trabalhadora estavam entrelaçadas com a lenda sobre sua vida, e que os veteranos haviam adotado e utilizado a lenda dos *Anzacs* exatamente porque ela tinha muita repercussão e porque era útil às suas próprias reminiscências. Durante sessenta anos, grande parte desses homens tinha pertencido a associações de veteranos e participado dos desfiles em comemoração ao Dia dos *Anzacs*. Muitos tinham lido a história oficial sobre a guerra e contavam casos como se estes fizessem parte de suas próprias experiências. Em algumas entrevistas eu tinha a impressão de estar ouvindo a leitura do script do filme de guerra australiano *Gallipoli*. As lembranças eram também reformu-

6 Thomson, A. *Anzac memories: living with the legend*. Melbourne, Oxford University Press, 1994.

ladas de acordo com as situações do cotidiano e com as emoções. Os debilitados e solitários velinhos às vezes sentiam-se ansiosos por lembrar a camaradagem do exército ou as aventuras da guerra e por reafirmar a viril juventude e o orgulho da identidade *Anzac*.

Fiquei fascinado com a relação entre a lenda dos *Anzacs* e as reminiscências dos *diggers* e, em vez de simplesmente — ou ingenuamente — contestar a lenda, eu agora queria compreender como e por que ela influenciava ou não os ex-combatentes. Esse interesse foi mencionado em recente trabalho teórico sobre reminiscências, subjetividade e memória popular. A partir desses escritos, desenvolvi um modelo de trabalho sobre memórias e sobre a relação entre as lendas conhecidas e a memória pessoal, que aperfeiçoei em meu livro *Anzac memories* (Memórias dos *Anzacs*), e que pode ser resumido da seguinte maneira.

Compomos nossas reminiscências para dar sentido à nossa vida passada e presente. *Composição* é um termo adequadamente ambíguo para descrever o processo de “construção” de reminiscências. De certa forma, nós as compomos ou construímos utilizando as linguagens e os significados conhecidos de nossa cultura.

De acordo com o Grupo de Memória Popular, a exposição pública do passado é utilizada como apoio ao constante processo de dar sentido a experiências pessoais:

... levando à reflexão e incitando à comparação entre os relatos mais genéricos e as particularidades das experiências pessoais lembradas. Pois, se o papel da exposição pública é generalizar o significado, deve ser desempenhado através da apresentação de imagens e categorias interpretativas gerais, por meio das quais as pessoas tenham condições de situar suas próprias experiências dentro de padrões sociais mais amplos. A memória popular age exatamente dessa forma, e tenta generalizar os significados de modo a reunir e dar uma mesma forma a uma multiplicidade de experiências pessoais e específicas, assim recriando nas pessoas o sentido do passado.⁷

As imagens e linguagens disponíveis usadas pelo público nunca se encaixam perfeitamente às experiências pessoais e há sempre uma tensão que pode ser manifestada através de um desconforto latente, da comparação ou da avaliação. Portanto, os relatos coletivos que usamos para narrar e lembrar experiências não necessariamente apagam

7 Dawson, G. e West, B. “Our finest hour? The popular memory of World War Two and the struggles over national identity”. In: Hurd, G. *National fictions: World War Two in british film and television*. Londres, BFI Publishing, 1984, pp.10-1. Para esta teoria da *composição*, ver capítulo 1 de Dawson, G. *Soldier heroes: britishness, colonial adventure and the imagining of masculinities*. Londres, Routledge, 1994.

experiências que não fazem sentido para a coletividade. Incoerentes, desestruturadas e, na verdade, “não-relembradas”, essas experiências podem permanecer na memória e se manifestar em outras épocas e lugares — sustentadas talvez por relatos alternativos — ou através de imagens menos conscientes. Experiências novas ampliam constantemente as imagens antigas e no final exigem e geram novas formas de compreensão. A memória “gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas”, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, lembrar), e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo.

Nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal, o que me leva a um segundo sentido, mais psicológico, da *composição*: a necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver. Esse sentido supõe uma relação dialética entre memória e identidade. Nossa identidade (ou “identidades”, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com nossa própria vivência. Construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos — como histórias secretas ou fantasias — ou para outras pessoas, no convívio social.

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. Reminiscências são *passados importantes* que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes.

Há várias maneiras segundo as quais nossas reminiscências — tanto do passado imediato como do mais longínquo — podem tumultuar e colocar em xeque nossa identidade, e, portanto, é preciso que exista uma certa harmonia entre elas. Experiências traumáticas podem provocar o rompimento de tabus ou prejudicar a compreensão pes-

soal. Dramáticas mudanças de vida muitas vezes tornam irrelevantes velhas identidades e exigem drástica reavaliação. A vida psicológica do cotidiano inclui aspirações frustradas e perdas debilitantes que tentamos administrar de forma mais segura e menos dolorosa. Assim, em nossas reminiscências frequentemente tentamos estabelecer uma coerência pessoal satisfatória e necessária entre as passagens não resolvidas, arriscadas e dolorosas de nosso passado e nossa vida presente.

Entretanto, essas histórias de vida raramente conseguem proporcionar um domínio completo e satisfatório das ameaçadoras experiências do passado. Nossas tentativas de compor um passado nunca são inteiramente bem-sucedidas, e o resultado é uma ansiedade não-resolvida e identidades fragmentadas e contraditórias. A *composição*, por ser baseada em bloqueios e exclusões, nunca é plenamente alcançada; é constantemente ameaçada, abalada, despedaçada.⁸ Sentimentos e impulsos reprimidos se manifestam ou são “descarregados” (atravessando sorrateiramente as barreiras da coerência consciente) de formas específicas — sonhos, erros, sintomas físicos e piadas — que permitem vislumbrar os dolorosos e fragmentados significados pessoais ocultos. Às vezes os historiadores orais ouvem as narrativas, mas descuidam-se desses significados. Assim como as histórias baseadas em reminiscências revelam a maneira específica como uma pessoa compôs seu passado, esses significados ocultos podem revelar experiências e sentimentos que foram silenciados porque não se ajustavam às normas usuais ou à própria identidade da pessoa.

Isso me leva a estabelecer uma importante relação teórica entre os dois significados da *composição* - que o processo aparentemente pessoal de compor reminiscências seguras é, na verdade, um processo inteiramente público. Nossas reminiscências podem ser temerárias e dolorosas se não corresponderem às histórias ou mitos normalmente aceitos, e talvez por isso tentemos compô-las de modo a se ajustarem ao que é normalmente aceito. Assim como buscamos a afirmação de nossa identidade pessoal dentro da comunidade específica em que vivemos, buscamos também a afirmação de nossas reminiscências.

“Reconhecimento” é um termo apropriado para descrever o processo de afirmação pública de identidades e reminiscências. O reconhecimento é essencial para a sobrevivência social e emocional; a alienação e a exclusão como alternativa podem ser algo psicologicamente devastador. Podemos buscar o reconhecimento em outras comunidades ou relacionamentos mais empáticos, mas nossas reminiscências precisam ser apoiadas

8 Ibidem, p. 28.

pelo reconhecimento público, e, portanto, são compostas de modo a serem reconhecidas e confirmadas.

Essa estrutura teórica conduziu a uma nova pesquisa sobre a relação entre a virilidade dos *Anzacs*, as memórias e os mitos. Em 1987, fiz uma segunda série de entrevistas sobre os *Anzacs* com cinco de meus primeiros entrevistados. Nessa série concentrei-me no modo como cada homem compunha e relatava suas memórias e explorei quatro interações chaves: entrevistador-entrevistado; lendas conhecidas e reminiscências pessoais; passado e presente; memória e identidade. O relacionamento que eu desenvolvera anteriormente com cada um daqueles homens facilitou essa nova abordagem e gerou entrevistas longas e detalhadas, nas quais eles eram estimulados a relembrar suas experiências como soldados e ex-combatentes e a refletir sobre o modo como haviam se reconciliado com seu passado dos tempos de guerra.⁹

Alguns deles resistiam ao meu questionamento temático, preferindo contar as histórias comuns da guerra a seu próprio modo e na seqüência que escolhiam. Outros recebiam bem as novas perguntas e a oportunidade de discutir e recordar de uma forma diferente. Meu interesse e minhas perguntas sugeriam que aspectos de sua vida — sobre os quais antes talvez tivesse sido difícil falar — eram de importância histórica e, em certos, casos ajudavam a reafirmar o valor daquelas lembranças. Por exemplo, o medo ou o sentimento de culpa que sentiram durante a guerra e a angústia do período pós-guerra eram assuntos sobre os quais alguns deles raras vezes tinham falado antes. Vários comentavam que eu era a primeira pessoa com quem haviam comentado detalhes sobre “sua própria guerra”. A entrevista os ajudara a superar o silêncio e fora um acontecimento importante em termos de verbalização e afirmação de suas memórias dos tempos de guerra. A natureza da aceitação que pode ocorrer durante uma entrevista de História Oral tem um efeito importante sobre o tipo das reminiscências trazidas à tona.

Trechos de minhas entrevistas com Percy Bird, Bill Langham e Fred Farrall sobre a vida nas trincheiras mostram as diferentes estratégias usadas para lidar com as memórias da guerra e as diferentes formas de relembrar. Expõem dilemas e proporcionam também uma importante oportunidade de discussão para os historiadores orais.¹⁰

9 Ver Thomson, A. “The anzac legend: exploring national myth and memory in Austrália”. In: Samuel, R. e Thompson, P. (eds.). *The myths we live by*. Londres, Routledge, 1990, pp. 73-82.

10 No texto, as referências a entrevistas indicam o número da entrevista e o número da página da transcrição correspondente. As fitas e as transcrições encontram-se na biblioteca do Memorial de Guerra dos Australianos, em Camberra.

Quando entrevistei Percy Bird pela primeira vez ele estava com 94 anos e tinha uma memória brilhante com relação às suas experiências como soldado na guerra de 1914-18. Para Percy, o objetivo principal das entrevistas era o entretenimento: ele sentia uma enorme satisfação ao expor suas memórias e ao perceber a reação positiva dos ouvintes nas reuniões com soldados, na velha casa da família, e nos encontros com historiadores orais como eu. Essa exposição incluía um repertório fixo de casos, em geral sobre sua juventude e suas experiências durante a guerra. A maioria dos outros ex-combatentes que entrevistei contava suas histórias como o desdobramento de uma história de vida, com um fluxo regular e contínuo. As reminiscências de Percy assemelhavam-se mais ao estilo anedótico do humorista.

Em geral, os casos narrados por Percy combinavam com as narrativas dos homens de seu batalhão — era freqüente o uso de “nós” em vez de “eu” — e os casos eram apresentados como histórias do batalhão. À primeira vista parecem ser casos meramente descritivos, mas uma leitura mais cuidadosa revela que cada história tinha um fecho de efeito que ajudava Percy a memorizá-la e que atribuía a cada caso um tema predeterminado, transformando-o em uma “boa” história. Entre os principais temas segundo os quais Percy organizava suas memórias de guerra estão o lado divertido da vida nas trincheiras, as ocasiões em que escaparam das granadas inimigas por obra da sorte, sua participação bem-sucedida nos concertos do exército e o caráter e eficiência dos soldados australianos. De acordo com as lembranças de Percy, a guerra nunca se mostrara terrível ou decepcionante; havia reticências óbvias, como, por exemplo, sobre o alistamento e seus sentimentos na linha de batalha. A série de perguntas às vezes levava Percy a discutir esses aspectos, mas ele estava sempre ansioso por retomar suas próprias histórias padrões, que tinham sido compostas juntamente com os companheiros durante a guerra como uma forma de lidar com suas experiências, tinham sido aprimoradas com o passar dos anos e geralmente estavam entrelaçadas com os principais temas da lenda dos *Anzacs*.

Para Percy Bird, a relação estabelecida na entrevista era inquietante quando tocava em lembranças sobre as quais ele não havia composto histórias “confortáveis”, e que ainda preferia evitar. Por exemplo, os silêncios e os bloqueios indicam que ele não lidava bem com os bombardeios da artilharia, uma constante na vida do Front Ocidental. A tarefa da unidade de Percy quando ele se juntou à linha de frente pela primeira vez, em agosto de 1916, era cavar trincheiras para outros batalhões, sob intenso e constante

fogo de artilharia, sofrendo graves baixas e sem possibilidade de responder aos bombardeios. De acordo com a história de seu batalhão, foi “uma época de passividade extremamente desgastante”.¹¹ No entanto, toda vez que eu perguntava como era estar sob o fogo da artilharia, Percy mudava de assunto e retomava os casos engraçados — que eram suas histórias mais comuns — e falava sobre as reuniões do destacamento por trás das linhas de combate, ou dos lamaçais onde ficaram atolados. Não contava nunca, por iniciativa própria, histórias sobre o mau cheiro e os sons das trincheiras, sobre seus próprios sentimentos quando estava sob fogo de artilharia, ou sobre as mutilações e mortes de seus companheiros. O máximo que conseguiu dizer na primeira entrevista, antes de mudar de assunto, foi: “Acho que todos estávamos apavorados, mas permanecemos juntos” (Entrevista 1/Página 15).

Na segunda entrevista, talvez porque já existisse maior intimidade entre nós e porque eu estava claramente o forçando a se desviar de sua costumeira seqüência de histórias, Percy deixou entrever outros indícios desses sentimentos. Disse que não gostava de assistir às séries de televisão sobre os *Anzacs* porque traziam tristes lembranças de companheiros mortos. Após minhas insistentes perguntas sobre seus sentimentos, ele falou, apressadamente, sobre várias lembranças dolorosas que não tinham sido incluídas em suas histórias anteriores, escritas ou faladas, como, por exemplo, presenciar, impotente, outro batalhão ser “aniquilado”, ou dois soldados “voarem pelos ares” logo depois de ele ter se afastado do local, e novamente mudou de assunto (2/6 e 24).

O modo relutante como Percy contava essas histórias indica que, como muitos outros, ele ficara extremamente traumatizado com essas experiências na linha de combate. Embora negando que seus nervos tivessem ficado abalados, observou: “Tenho de admitir que foi um alívio escapar de lá” (1/21). Nenhuma de suas histórias é positiva quanto a seu próprio valor como combatente, e esse papel é praticamente excluído de suas lembranças, pois não conseguia sentir-se seguro ou à vontade nem naquela época nem posteriormente. A prova dos efeitos traumáticos dos bombardeios pode ser entrevista pelas reticências de suas lembranças. As experiências e os sentimentos perturbadores eram reprimidos da memória consciente ou colocados em um canto “escuro” da memória de Percy, de onde só saíam sob pressão, em resposta a perguntas incisivas, ou por meio de associações, ou ainda em sonhos, mas nunca se faziam presentes nas histórias que ele contava em público.

11 Keown, A. W. *Forward with the fifth*. Melbourne, 1921, p. 177.

Ao contrário de Percy Bird, Bill Langham estava disposto a relembrar e reviver essas experiências traumáticas. Langham era um jovem camponês quando ingressou na artilharia do exército australiano, aos 18 anos, e comandara uma tropa da cavalaria que transportava armamentos e munições para a linha de batalha no Front Ocidental entre 1916 e 1918. Com uma expressão de dor na face, Bill contou-me a seguinte história:

Uma de minhas lembranças mais dolorosas... e que raramente menciono ... quando empreendemos o grande avanço no dia 4 de agosto [1918]... estávamos transportando munições. Tivemos de pegar um atalho, e havia espaço apenas para a carroça e os soldados. O local estava coalhado de corpos de alemães mortos. Não havia possibilidade de desviar, era preciso seguir em frente, passando por cima dos cadáveres. Isso sempre foi muito ... algo que... oh, é difícil explicar. Relembrar essa passagem é muito doloroso, tínhamos de ... tínhamos de empurrar a carroça e fazer os cavalos marcharem sobre aqueles corpos. Foi uma sensação horrível! (1/12-3)

Ver e ouvir “as rodas das carroças esmagando aqueles corpos” foi uma experiência traumática, pois Bill foi obrigado a quebrar arraigados tabus sobre a inviolabilidade do corpo. Fez também com que ele imaginasse que eram “nossos companheiros” (talvez até ele mesmo) que estavam sob as rodas e mostrou que todos os soldados eram apenas corpos que podiam ser mutilados (2/15).

Mais tarde, no decorrer da entrevista, Bill comentou que essas histórias eram “tabus” nas reuniões de sua unidade após a guerra, quando os casos que relembavam os bons tempos e o companheirismo eram mais apreciados e se transformaram no modo favorito de Bill narrar suas experiências do tempo da guerra. Mas as histórias dolorosas não foram esquecidas. Em uma passagem reflexiva durante nossa segunda entrevista, Bill descreveu de forma comovente o modo como ele encontrara para administrar os traumas e as dores provocadas por suas recordações:

Às vezes, quando você pára e [...] começa a pensar, todas aquelas recordações vêm à mente. E então você gostaria de ter alguém com quem conversar, para tentar esquecer todas aquelas coisas. Muitas vezes fico acordado à noite [...], lembrando aqueles tempos. É engraçado... você não consegue nunca se livrar dessas lembranças — estão sempre presentes. Mas, com o passar do tempo, tomam-se mais amenas e não são mais tão terríveis como nos primeiros anos. Como tudo na vida, você acaba se acostumando com elas. Porém, você sempre se lembra — como eu disse antes — das coisas e incidentes engraçados. E então, ocasionalmente, entre eles surgem algumas daquelas recordações dolorosas. É hora de voltar à realidade [...]; e como eu costumo dizer, uma das melhores coisas para trazer você de volta à realidade é a música. (2/21-2 e 32)

Esta passagem revela que o passado pode ser um terreno perigoso e que as reminiscências angustiantes podem surgir espontânea e inesperadamente. Mas as lembranças de Bill não se tornaram mais amenas (como ele disse, “agora são apenas lembranças e eu me acostumei com elas”) simplesmente porque “o tempo é o melhor remédio”. Pelo contrário, “acostumar-se com as lembranças” para que elas se tornem menos angustiantes era um dinâmico processo social — principalmente nas reuniões de veteranos — através do qual certas lembranças eram enfatizadas, enquanto outras eram minimizadas, ou ignoradas, ou trabalhadas de modo relativamente satisfatório. A própria entrevista fazia parte desse processo constante. Embora ainda fosse atormentado por muitas de suas lembranças da guerra — e essas lembranças não faziam parte das histórias que ele contava para os familiares e amigos —, Langham reagiu às minhas perguntas de forma positiva e parecia valer-se da relação estabelecida pela entrevista para expressar e lidar com suas lembranças dolorosas e até mesmo para dar um novo sentido às velhas histórias. As reminiscências de Langham levaram-me a compreender que a experiência nunca termina, é constantemente relembrada e retrabalhada.

A história de guerra de Fred Farrall é um ótimo exemplo do processo através do qual as pessoas retrabalham suas lembranças durante toda a vida. Essa história representou um desafio quando tentei examinar minuciosamente as várias camadas da memória, e mais tarde escrevi um trabalho que denominei “biografia das reminiscências”, que rastreava e recompunha a complexa história das lembranças de guerra de Fred Farrall.

Fred Farrall ingressou na infantaria do exército australiano como recruta-mirim e passou por momentos terríveis no Front Ocidental. Todos os amigos que haviam se alistado na mesma época foram mortos logo nos primeiros meses; Fred sofreu vários ferimentos e ficou com neurose de guerra, provocada pelo impacto físico e psicológico dos intensos bombardeios da artilharia. Parte do problema de Fred durante a guerra era que ele não conseguia ou não era estimulado a expressar e administrar seus sentimentos de ansiedade, vulnerabilidade e desajuste. Embora seus medos fossem os mesmos de muitos outros soldados, a sensação de desajuste era tão forte que Fred não conseguia expressá-la. Sua auto-imagem negativa era também reforçada por comparações com outros soldados que aparentemente não se sentiam afetados pelo fogo cerrado da artilharia: “Eu não era como eles”. Os australianos eram famosos por sua coragem, e esse código de comportamento masculino fez com que Fred reprimisse seus sentimentos e medos. Enquanto Bill Langham e Percy Bird conversavam com outros soldados para transformar as experiências de guerra vividas em conjunto em histórias com as quais

pudessem se sentir relativamente protegidos, Fred Farrall permanecia em silêncio porque suas experiências eram extremamente traumáticas e porque sua auto-imagem masculina era muito negativa.

Quando Fred Farrall voltou para a Austrália, em 1919, estava física e emocionalmente arrasado. Ficou desempregado durante vários anos e, em 1926, os efeitos emocionais do pós-guerra e as dificuldades que envolveram sua repatriação resultaram em um colapso nervoso: “Você fica de um jeito que simplesmente não tem vontade de fazer nada. Parece que não lhe restou nenhuma energia, você não tem vontade nem sequer de se mexer” (1/46). Nos primeiros anos do período pós-guerra, a identidade de Fred como soldado e veterano era confusa e traumática e caracterizava-se por um forte contraste entre suas perturbadoras reminiscências pessoais e o silêncio e marginalização pelas pessoas em geral. No primeiro caso, a guerra era uma presença emocional persistente e debilitante. A sensação de vulnerabilidade e terror causada pelos incessantes bombardeios nas trincheiras era revivida em terríveis pesadelos:

Ah, sim! Meus sonhos sempre envolviam bombardeios, ora eu estava dentro de uma trincheira, ora deitado no buraco deixado por uma granada, ou estava sendo atingido por granadas. E me sentia terrivelmente assustado, tremendo de medo [...] você não sabe se a próxima granada irá reduzi-lo a pedaços ou deixá-lo tão mutilado que seria melhor ter morrido. [...] Se você tivesse passado por essa experiência, também se sentiria apavorado. Teria ficado apavorado e provavelmente teria sido despertado por essa experiência revivida. (2/28)

A natureza e o poder desses sonhos demonstram como as lembranças e sensações experimentadas durante a guerra e não resolvidas contribuíram para abalar o sistema nervoso de Fred e mais tarde provocar um colapso. Ele explica como e por que seu estado piorou na década de 20:

Na época não percebi, mas já faz muito tempo que sei. Eu sofria de neurose, e essa doença não era reconhecida naquela época, e portanto não era tratada. Você simplesmente passa a conviver com ela. E a neurose evoluiu para um complexo de inferioridade extremamente forte. [...] Fiquei tão mal que às vezes queria falar e não conseguia; minha voz tremia, eu gaguejava, sentia um nó na garganta; isso durou muitos e muitos anos. (1/27)

Embora durante muitos anos Fred não tivesse conseguido desatar esses nós emocionais, desenvolveu outras maneiras de lidar com suas lembranças de guerra. Escolheu como data para se casar o aniversário do dia em que fora ferido em combate; em homenagem a seus dois melhores companheiros do batalhão, deu à sua casa o nome

dos locais onde eles estavam sepultados; e lembrava com detalhes os locais e datas da morte de seus amigos. Essas formas peculiares de celebração, que transformaram uma experiência grotesca em registros e rituais com os quais era possível conviver relativamente bem, eram o modo como Fred encontrara para lidar com o passado. Ele explicou que cada pessoa tinha um modo de administrar o passado, e que o seu era aquele — recordar datas: “Coisas desse tipo ficam gravadas em minha mente para sempre” (2/28).

Entretanto, nos anos pós-guerra, as reminiscências de Fred nunca chegaram a obter afirmação pública, o que poderia tê-lo ajudado a desenvolver uma identidade mais positiva como ex-combatente e talvez a resolver as causas de seus problemas psicológicos. Embora os companheiros de guerra representassem uma fonte de apoio e amizade no período pós-guerra, entre os amigos de Fred o tema “guerra” era tabu: “Falávamos sobre corridas de cavalos e sobre os mais variados assuntos, mas não me lembro de nenhuma ocasião em que tenhamos conversado sobre aquela guerra sangrenta” (2/26a).

A atitude de Fred era característica de veteranos com experiências de guerra e repatriação particularmente negativas. Eram homens que queriam esquecer os tempos de guerra, pois recordar trazia facilmente à tona lembranças e sentimentos dolorosos. Achavam também que tinham sido maltratados ao voltar a seu país, e a desilusão do pós-guerra fez com que eles se tornassem ainda mais negativistas. Talvez mais importante ainda, e como consequência desses fatores, eram homens que não podiam ou não queriam participar das várias formas de afirmação pública que estavam disponíveis para os *Anzacs* nos anos 20 e que eram particularmente necessárias para veteranos como Percy Bird e Bill Langham. Fred recusava-se a usar suas medalhas de guerra porque para ele nada representavam (citava uma conhecida história sobre ex-combatentes que, com desprezo, atiraram suas medalhas ao mar). Fred jogou dentro de uma empoeirada gaveta seu certificado de dispensa caprichosamente impresso em alto-relevo e recusava-se a participar das reuniões do batalhão e dos desfiles do Dia dos *Anzacs*.

Por fim, Fred arrumou emprego em uma fábrica e se tornou um sindicalista e comunista militante. Dentro do movimento trabalhista conseguiu desenvolver uma análise crítica da guerra e compor suas próprias experiências de guerra em uma história segundo a qual ele era vítima da rivalidade imperialista. Contudo, embora às vezes apelasse para essa história em sua vida pública, ela não o ajudava a apagar as memórias de terror, culpa e desajuste e não proporcionava uma afirmação positiva de seus tempos de guerra. No auge do sucesso como líder trabalhista, Fred ainda se sentia profundamente perturbado pelo fato de ter sentido tanto medo durante a guerra e não costumava falar sobre essa parte de sua vida nem mesmo com os colegas socialistas. As confir-

mações públicas mais positivas da coragem dos *Anzacs* estavam disponíveis nos procedimentos e rituais das comemorações oficiais, mas essas eram zonas proibidas para políticos radicais como Fred, que desprezavam o militarismo e o nacionalismo que envolviam a lenda dos *Anzacs*. Não contando com o reconhecimento geral das pessoas e ainda incapaz de resolver seus traumas emocionais mais íntimos, durante muitos anos Fred não falava sobre seu passado como combatente e era atormentado por dolorosas recordações que não conseguia apagar.

Na velhice, Fred Farrall experimentou a terceira mudança importante em sua relação com a guerra e com seu próprio passado *Anzac*. Na década de 60 e no início da década de 70, começou a ler e passou a falar, fora do movimento trabalhista, sobre sua participação na guerra. Passou a participar das cerimônias em comemoração ao Dia dos *Anzacs* e das reuniões de seu velho batalhão, a exhibir novamente na lapela seu distintivo de militar e pendurou na parede da sala de estar de sua casa seu certificado de dispensa que durante tantos anos ficara abandonado dentro de uma gaveta. Após anos de silêncio, ele agora sentia necessidade de falar longamente sobre a guerra a estudantes, produtores de filmes e entrevistadores de História Oral.

Em parte, essa mudança representou o interesse renovado de um idoso por sua juventude: “Acho que quando você envelhece passa a ter uma certa sensibilidade com relação ao que aconteceu em épocas passadas”. Mas Fred só conseguiu experimentar sentimentos positivos com relação a seus tempos de soldado — que deixara guardados em um canto da memória durante anos — devido às mudanças na maneira como a sociedade australiana passou a relembrar a guerra. Foi particularmente influenciado pelas novas histórias inglesas e australianas sobre a Grande Guerra, que eram baseadas em relatos de soldados e tentavam transmitir os efeitos das condições enfrentadas na frente de combate. Quando fizemos nossa segunda entrevista, em 1987, Fred estava lendo um novo livro sobre a participação dos australianos na batalha de Pozieres, no Front Ocidental:

Estive lá posteriormente, e conheço toda aquela região e todos os lugares que são mencionados no livro [...] na imaginação, você volta àqueles anos [...] Parece que ... quando o autor fala sobre Albert, a cidade de Albert, ... ela ressuscita, sem dúvida ressuscita suas memórias, se você já esteve lá, se você já esteve naquele lugar. Quaisquer que sejam. E esse é o poder, esse é o poder que o livro exerce sobre mim. (2/41)

Fred leu o livro avidamente — à noite não conseguia largá-lo —, pois refletia sua própria experiência e retratava a luta nas trincheiras em termos que coincidiam com a

maneira como ele pensava sobre ela. Esses livros e filmes mostraram a Fred que seus temores e sentimentos de desajuste dos tempos de guerra não o tornavam menos viril, pois, na verdade, eram conseqüência normal da luta nas trincheiras. Ao descrever seus pesadelos com bombardeios, Fred concluiu: “Antes de ler o livro sobre Pozières eu não sabia que existiam tantas pessoas como eu” (2/28).

Assim, durante as duas últimas décadas de sua vida, Fred Farrall reconciliou-se com seu passado de guerra e conseguiu também reconciliar suas próprias lembranças com as narrativas sobre os *Anzacs*. Essa recente afirmação de seu passado militar e as novas oportunidades de contar sua história de guerra para australianos mais jovens foram muito gratificantes para Fred na velhice. Como o retrato público da participação dos australianos na guerra havia mudado, Fred Farrall pôde compor um passado para os *Anzacs* com o qual conseguia conviver.

Dilemas éticos e políticos

Espero que estes três exemplos tenham servido para demonstrar que a investigação e a análise das histórias e silêncios do testemunho oral podem revelar, de forma ampla, a natureza e os significados da experiência e as maneiras como retribuímos nossas reminiscências sobre o passado durante toda a vida. Mais especificamente, minhas entrevistas realçaram o forte impacto causado pela guerra sobre seus participantes e mostraram como os ex-combatentes esforçavam-se por criar um passado com o qual pudessem conviver. A análise da relação entre as memórias pessoais e a memória coletiva dos australianos sobre a guerra me fez também compreender melhor a repercussão da lenda dos *Anzacs*, que ajudou alguns veteranos no processo de dar um sentido positivo a seu passado de guerra e ao mesmo tempo a silenciar certos aspectos de suas experiências — e que excluiu e silenciou outros veteranos cujas experiências não coincidiam com a lenda.

Entretanto, como historiador oral, enfrentei dilemas éticos gerados por minhas entrevistas com veteranos de guerra australianos. Mesmo com cautela e sensibilidade, e obedecendo à regra básica segundo a qual o bem-estar do entrevistado vem sempre antes dos interesses da pesquisa, as entrevistas que exploram a natureza e os processos de afloramento de lembranças confundem as fronteiras dos relacionamentos dentro da História Oral. Uma entrevista que toca em lembranças reprimidas e que às vezes se aproxima de uma relação terapêutica pode ser gratificante para o entrevistador, mas

prejudicial para o entrevistado. Perguntas que fazem lembrar desigualdade, medo ou humilhação podem trazer à tona lembranças traumáticas e dolorosas. Durante a entrevista, às vezes eu precisava interromper uma seqüência de perguntas, ou o entrevistado me pedia para fazer isso, porque estava sendo muito penoso. Ao contrário do terapeuta, eu, como historiador oral, não estava por perto para juntar os pedaços das lembranças que não eram seguras.

Por outro lado, perguntas solidárias e narrativas históricas novas podem ajudar determinados indivíduos — como Bill Langham ou Fred Farrall — a se recuperar e explorar aspectos de seu passado que até então tinham sido silenciados ou reprimidos, e facilitar a reparação do passado e a reconciliação com este. Historiadoras orais feministas, particularmente, têm salientado os dilemas pessoais e éticos gerados pela relação estabelecida na História Oral e, ao contestar abordagens tradicionais que enfatizavam a neutralidade e o distanciamento do profissional, começaram a explorar o potencial da entrevista como meio de inculcar confiança.¹²

A partir de uma outra perspectiva, o trabalho de reminiscências, sob o ponto de vista social e sob o aspecto saúde, tem dado prioridade ao valor das reminiscências para o narrador, deixando em segundo plano seu valor dentro do contexto da pesquisa histórica e tem defendido o potencial de reparação das reminiscências bem-orientadas.¹³ Contudo, na prática da entrevista de pesquisa da História Oral — em que as pautas do pesquisador e do narrador são às vezes muito diferentes —, há geralmente uma tênue linha entre a tentativa de inculcar confiança e a exploração.

O trabalho de História Oral que explora e questiona os processos de afloramento de lembranças envolve um segundo dilema ético, que tem uma dimensão política. É relativamente fácil colaborar na produção de uma história que confere afirmação pública a pessoas cuja vida e memórias até então haviam sido marginalizadas e que tenta eliminar sua opressão. Conforme os historiadores orais vêm demonstrando desde a década de 70 e conforme demonstrado também em muitos de nossos trabalhos, o testemunho

12 Para questões éticas, ver Gluck, S. B. e Patai, D. (eds.). *Women's words: the feminist practice of Oral History*. Nova York, Routledge, 1991; Stuart, M. And how was it for you, Mary? Self, identity and meaning for Oral Historians. *Oral History* 21, 2, outono de 1993, pp. 80-3; Frisch, M. *A shared authority: essays on the craft and meaning of Oral and Public History*. Albany, Universidade Estadual de Nova York, 1990; Elinor, G. Stolen or given: an issue in oral history. *Oral History*, vol. 20, n° 1, primavera de 1992, pp.78-80.

13 Ver Bornat, J. (ed.). *Reminiscence reviewed: perspectives, evaluations, achievements*. Buckingham, Open University Press, 1994.

oral gera novas histórias, e a criação de novas histórias, por sua vez, pode, literalmente, contribuir para o processo de dar voz a experiências vividas por indivíduos e grupos que foram excluídos das narrativas históricas anteriores, ou foram marginalizados. Mas em meu livro *Anzac memories* usei o testemunho oral para analisar e questionar uma lenda que, para a maioria dos homens que entrevistei, proporcionava um refúgio seguro, e, portanto, eles talvez não concordassem com todas as minhas conclusões, ou talvez não quisessem ver suas histórias contestadas. Mostrei a alguns de meus entrevistados trechos de meus escritos baseados nas entrevistas e lhes pedi que fizessem comentários e sugerissem correções. Mas antes que isso se tornasse possível, muitos dos velhos soldados já haviam morrido ou não estavam suficientemente bem de saúde para manter o interesse pelo projeto. Se meu projeto envolvesse entrevistados mais jovens, por exemplo veteranos da guerra do Vietnã, imagino que alguns deles teriam contestado minha abordagem e meus achados.

Os profissionais de História Oral talvez achem que não têm o direito de usar as reminiscências das pessoas para criar histórias polêmicas ou que envolvem aspectos delicados para os narradores, e que isso significa uma violação da confiança. Por outro lado, talvez achem que têm um outro dever — para com a sociedade e a história —, a responsabilidade de contestar os mitos históricos que dão poder a algumas pessoas às custas de outras. Talvez todos os pesquisadores enfrentem esse dilema, mas para nós, profissionais de História Oral, ele é particularmente mais delicado porque estabelecemos um relacionamento pessoal com nossas fontes.

O historiador oral norte-americano Michael Frisch sugeriu uma saída para esse dilema, defendendo a aplicação do conceito de “autoridade compartilhada” à História Oral e aos “projetos que assumem seriamente a tarefa de envolver pessoas no processo de analisar o que significa recordar, e o que fazer com as memórias para torná-las vívidas e produtivas, e não meros objetos para acervo e classificação”¹⁴. Os projetos de História Oral para os quais o pesquisador conduz uma série de entrevistas visando atingir os objetivos de sua pesquisa talvez nunca cheguem a satisfazer essa aspiração. Nem tampouco as abordagens baseadas na coletividade ou na comunidade, que tentam envolver os narradores em ambas as fases de um projeto de História Oral — a entrevista e a construção da história —, conseguem resolver facilmente esse dilema. Os partici-

14 Frisch, M. *A shared authority: essays on the craft and meaning of Oral and Public History*. Albany, Universidade Estadual de Nova York, 1990, p. 189.

pantes talvez não se sintam dispostos a examinar sua própria vida e suas memórias, ou capazes de fazer isso.

Na verdade, um projeto coletivo que explora a relação entre a memória coletiva e as reminiscências pessoais e que contesta as histórias de vida de determinados indivíduos quase sempre provoca embaraços e sofrimento. No entanto, em sua manifestação mais positiva, a análise coletiva de histórias de vida dentro de projetos participativos pode ajudar as pessoas a reconhecer e dar valor a experiências silenciadas, ou a se reconciliar com os aspectos difíceis de seu passado. Para alguns, esse processo é extremamente desafiador, mas pode também insuflar-lhes confiança à medida que se recuperam e confirmam experiências antes silenciadas e fazer com que suas histórias sejam compartilhadas e ouvidas. A História Oral seria muito monótona se não se envolvesse em debates sobre memória, tanto em nível individual como coletivo.

Teoria e prática

Essas abordagens da História Oral com base na coletividade ou na comunidade enfocam outro ponto de tensão entre a teoria e a prática. A maioria das recentes discussões teóricas sobre memória e subjetividade tem ocorrido em círculos acadêmicos, geralmente em âmbito internacional. Alguns historiadores orais têm participado desses debates, embora nos últimos anos tenha havido um extraordinário crescimento do interesse pela pesquisa sobre histórias de vida em uma vasta gama de disciplinas e contextos acadêmicos. As abordagens interdisciplinares contestam e enriquecem a profissão de historiador oral. Mas nem sempre esses debates teóricos estão ligados à prática comunitária de conceder maior independência à pesquisa coletiva; na verdade, de um modo geral são conduzidos em uma linguagem, forma e contexto que muitas vezes são extremamente alienantes e restritivos.

Em resumo, um dos aspectos críticos do movimento de História Oral — mais especificamente do movimento britânico — é a tensão entre os desenvolvimentos teóricos que se propõem a problematizar a memória e a identidade e o comprometimento com a prática democrática e com a independência. Eu não diria que a sofisticação teórica não poderia tornar-se acessível e útil na prática; nem que a prática da História Oral comunitária é, necessariamente, não-reflexiva ou não-teórica. Mas em minha opinião, o desafio fundamental hoje enfrentado pelos historiadores orais é descobrir maneiras de facilitar a ligação entre a teoria e a prática, para que os debates sobre história

e memória, sobre as relações estabelecidas pela História Oral e sobre os dilemas políticos e éticos relacionados com nosso trabalho trazam não só novas formas de compreensão, como também experiência prática.

Os recentes trabalhos sobre História Oral de Alessandro Portelli, Michael Frisch, Sherna Berger Gluck e Daphne Patai indicam maneiras de estabelecer essas ligações. Na Inglaterra, a publicação *Oral History*, da qual sou co-editor, tenta, de forma bastante consciente, adotar essa abordagem e representar esse papel. Mas nem sempre isso é fácil. Há tentações e pressões para que ela se torne uma publicação puramente acadêmica, ou uma revista ou boletim informativo para os profissionais da comunidade que não trabalham em universidades. Um tema freqüentemente abordado nos editoriais diz respeito à necessidade de incentivar contribuições cuja linguagem e abordagem enfoquem os dois mundos, que procurem colocar em prática a teoria, e que levem à reflexão sobre as questões geradas pela prática. Os títulos de recentes trabalhos — *Popular memory* (Memória popular), *Making histories* (Criando histórias), *Remembering* (Reminiscências), *Working with memories* (Trabalhando com memórias) — têm essa preocupação.

Na Universidade de Sussex, onde dou aulas no Centro de Educação de Adultos, estamos tentando também estabelecer essa ligação entre a teoria e a prática, através de nosso *Certificate in Life History Work* (Certificado de Trabalho sobre Histórias de Vida). Sendo um curso noturno para adultos, é direcionado a profissionais ligados ao estudo de histórias de vida que atuam em diversas áreas de História Oral da comunidade, trabalhando com reminiscências, histórias de famílias e pesquisa acadêmica, usando testemunhos orais e documentos sobre histórias de vida. Ao mesmo tempo em que os estudantes são incentivados a explorar o rico veio de escritos teóricos interdisciplinares sobre histórias de vida e trabalhos sobre histórias de vida, são também incentivados a refletir mais cuidadosamente sobre sua própria prática e a experimentar, através de leituras e discussões, abordagens alternativas para o trabalho com as histórias de vida.

O curso está agora em seu terceiro ano e, pelo que sabemos, existem poucos cursos na Inglaterra que estabelecem ligações como essas, exceto talvez os cursos sobre museus e patrimônio. Em contrapartida, tanto na Austrália como nos Estados Unidos (talvez também no Brasil?) existem cursos tradicionais de “história pública” em nível superior que estabelecem uma ligação entre a teoria histórica e a prática. Os historiadores orais poderiam aprender muito com a experiência de seus colegas estrangeiros. Fiquei extremamente satisfeito por ter tido a oportunidade de participar desta conferência, de contribuir com questões tiradas de meu próprio trabalho de História Oral, e de aprender com as experiências e perspectivas de meus colegas brasileiros. Obrigado.

ALISTAIR THOMSON

P: Vou aproveitar a tradução simultânea e falar em português que é mais fácil para mim e para você. Estou trabalhando em um projeto na Universidade de São Paulo. Está relacionado à história da mulher, especificamente... mulheres judias que imigraram para São Paulo por causa do Holocausto. Quando você falou a respeito do Bill, você falou algo, mas não entrou em muitos detalhes, e isso está relacionado com a ética, e é um problema sobre o qual eu gostaria que você falasse um pouco mais a respeito de quando vocês se tornaram amigos íntimos... Realmente gostei muito de entrevistar muitas das mulheres, gostei delas e não tenho nenhum motivo para não ser amiga delas, exceto tempo, mas percebo que querem ser minhas amigas, realmente querem ser minhas amigas, e a entrevista se torna muito pessoal e muito íntima, e eu quase me sinto perturbada ética e moralmente; algumas vezes eu não posso ser amiga delas no final, e então não quero sentir que as estou usando, e me pergunto, você parece ter tido o mesmo tipo de problema, então gostaria que me falasse acerca disso um pouco mais.

AT: Sim, é um problema quando você faz 25 entrevistas ou quantas sejam, você não pode ser amigo de todas essas pessoas. Tentei ser claro, dizer que tinha um determinado papel e relacionamento com elas, que era um relacionamento de História Oral e não um relacionamento de amizade. Contudo, em alguns casos, os relacionamentos mudam e desenvolvem-se com o tempo e, como em qualquer relacionamento, existem pessoas das quais você se torna muito amiga e fica íntimo. Provavelmente Bill foi, Bill e também Fred Farrel foram duas pessoas assim, e mantivemos contato por cartas quando fui morar na Inglaterra. Quando meu livro finalmente saiu em 1994, Bill foi o único dos homens que eu entrevistei que ainda estava vivo e me senti mal com isso... mas pude levar a ele uma cópia do livro, lemos alguns trechos, e posso falar a esse respeito porque foi muito interessante; ele começou a se lembrar de novas coisas que não havia me contado antes. Sim, creio que um relacionamento de História Oral não é um relacionamento de amizade,

mas, por vezes, o relacionamento muda e se desenvolve; você tem de monitorar e estar ciente disso, em você e em termos do que está acontecendo, particularmente com pessoas que podem ser frágeis, solitárias, ou isoladas; que se tornam dependentes.

P: Sim.

AT: Sim, mas creio que é verdadeiro em qualquer relacionamento de História Oral. Por um lado, não creio que você deva interromper uma amizade que está se aprofundando porque você está fazendo algo em História Oral, por outro, acho que você deve deixar claro quais são os limites e fronteiras do relacionamento. E, se possível — e essa é uma das vantagens de trabalhar em um projeto em grupo ou em base em uma comunidade — é que você pode então trazer outras pessoas e outros recursos para proporcionar o apoio que essa pessoa quer. Seja um grupo de reminiscências formado por idosos, ou um serviço de aconselhamento, ou o que for. Se você faz isso de maneira coletiva, não está trabalhando sozinho.

P: Eu gostaria que você falasse mais sobre as fronteiras entre a História Oral e o trabalho terapêutico. Você disse que quando a experiência é extremamente dolorosa para o entrevistado você pára. Então queria saber como é feito isso, e o que fica, como você lida com esse tipo de situação durante a entrevista ou num encontro posterior. Você concorda com que não nos basta desejar o bem estar dos nossos entrevistados e que, na prática, a gente se depara, no seu caso, por exemplo, com o seu projeto, você estava lidando com memórias, com lembranças muito dolorosas, como acho que acontece com as pessoas que trabalham com o Holocausto, ou outras experiências traumáticas; então você concorda com que nós não temos os instrumentos da psicanálise e que às vezes a gente acaba agindo um pouco por intuição ou sensibilidade; e que, às vezes, você não acha que a gente está correndo um grande risco de desencadear um processo emocional incontrolável, sem termos esses instrumentos da psicanálise?

AT: Sim, creio que, de certa forma, estamos sempre correndo um risco e não apenas quando trabalhamos com vítimas do Holocausto ou veteranos de guerra. Todos têm lembranças traumáticas de algum tipo; creio, então, que em uma entrevista sobre o mais inocente dos assuntos, algo que nem você, nem a pessoa entrevistada es-

peravam pode vir à baila. Então, é arriscado. Isso pode acontecer. Sim, nós não somos, bem, eu não sou psicanalista, e não tenho o tipo de treinamento a que um psicanalista recorreria em uma relação terapêutica. Quando eu disse que as fronteiras ficam indefinidas, creio que elas ficam indefinidas de forma que às vezes são terapêuticas, mas não estou dizendo que é um relacionamento de terapia. E sempre achei que é muito importante deixar claro que você é um historiador oral e não um terapeuta, que você não vai estar lá como um analista para ajudar a recolher os pedaços. Mas aí você se pergunta, “o que fazer quando os pedaços se partem durante a entrevista?”. Acho que, até certo ponto, faço o que você sugeriu, que é instintivo e humano. Como você lida com alguém cujas partes da memória começam a se desprender. Pergunta-lhe, “Você está bem?”, “Você gostaria de parar?”, “Vamos falar sobre outra coisa?”, ou “Você gostaria de continuar falando sobre isto?”. E dá a ele um intervalo. Ou “Você gostaria que eu parasse agora?”, “Gostaria que eu voltasse outro dia?”, “Você gostaria de ter seu filho ou filha conosco?”. Você pensa acerca da pessoa, do ponto em que você está, do relacionamento e da melhor forma de dar a essa pessoa algum tipo de controle sobre o que ela então vai fazer com essas recordações. Agora, em alguns casos — e Percy Bird foi um deles — as pessoas param e não querem continuar falando. Em meus exemplos, quando a maioria teve uma oportunidade de falar a respeito de lembranças difíceis, que possivelmente não haviam tido a chance de expor anteriormente, por qualquer motivo, a maioria aproveita essa oportunidade. Talvez não na primeira vez, talvez não no primeiro encontro com você, mas com o passar do tempo, à medida que você começa a conhecê-las melhor e que retorna várias vezes, pela minha experiência, as pessoas aproveitam essa oportunidade para falar e para começar a expressar suas lembranças e, geralmente, nem sempre, mas geralmente, a oportunidade de falar e verbalizar é terapêutica, podendo restituir um sentimento de potência. Existem casos, eu creio, em que você deveria parar e dizer, “não consigo lidar com isso”, “sabe, não tenho condições de lidar com isso”. Talvez porque esteja mexendo com você, talvez as recordações estejam lhe tocando, e você não consegue lidar com elas. Uma outra coisa que eu diria a esse respeito é que é muito importante não trabalhar só, mas ter colegas, supervisores, um grupo, que você pode procurar com esse tipo de problema emocional que tocou você, alguém quase como um supervisor, alguém para apoiá-lo.

P: Por vezes você necessita de um psicólogo, como entrevistador você se sente muito esgotado?

AT: Bem, talvez não um psicólogo, talvez um amigo, alguém com quem conversar. Acho que o que isso enfatiza é que as entrevistas de História Oral são também sempre autobiográficas. Sempre tocam suas próprias experiências e identidades, e você precisa ter consciência disso, ao mesmo tempo em que percebe o que está acontecendo com a pessoa que está entrevistando.

P: Eu queria fazer duas perguntas. A primeira é entender um pouco mais como é que você trabalhou a questão da composição da memória. A segunda é quando não houver mais questões a respeito de sua palestra, eu gostaria que você falasse um pouco para nós de sua experiência atual com a História Oral em trabalhos com a comunidade.

Você nos contou na primeira parte de sua exposição acerca da idéia de ter uma composição de memória. Gostaria de ver isso mais explorado, e como você vê isso nos exemplos que nos deu?

AT: Quando eu escrevi, concentrei-me nestes três homens e suas lembranças no livro; e escrevi o que passei a chamar, como mencionei antes, memórias biográficas, e para mim uma memória biográfica não era só um relato do que esses homens me contaram durante a entrevista; não era só um relato do que aconteceu com eles quando soldado. A memória biográfica era uma história e uma exploração dos meios pelos quais suas experiências iniciais haviam sido expressas na época, e então trabalhadas na memória com o passar do tempo, mudando com o passar do tempo. E essas mudanças, relacionadas às mudanças das histórias públicas sobre a guerra, então com Fred Farrel em sua velhice, revelaram que existia uma nova história pública que de fato se ligava à sua experiência pessoal, então o modo pelo qual ele conseguiu lembrar e relatar sua guerra mudou. Ele foi capaz de dizer coisas que não conseguia dizer antes. As narrativas públicas expostas sob novos ângulos tornaram possível lembrar as mesmas histórias de novas maneiras, e nas memórias biográficas tentei explorar, suponho, as mudanças nos processos psicológicos. As mudanças que ocorrem na vida de uma pessoa e em sua identidade, com o passar do tempo, e como isso possibilitou a lembrança de coisas novas. Assim, por exemplo, a experiência da velhice é frequentemente um tipo específico de experiência em

relação à lembrança. Psicólogos falam a respeito de retrospecto da vida. Um novo processo de recordar que, às vezes, acontece com pessoas idosas. E talvez uma das razões pelas quais Fred Farrel começou a retirar suas lembranças da gaveta e a colocá-las na parede tenha sido o fato de que, como um homem mais velho, ele sentiu que estava na hora. Queria trabalhar isso. Então, imagino, a idéia de composição ligada a uma abordagem analítica, que chamei de memória biográfica e que tentou explorar as formas pelas quais as pessoas compuseram suas recordações e então as trabalharam novamente com o passar do tempo. É engraçada, para mim, a frase que me veio à mente, quando o livro saiu. No dia seguinte, em que fui visitar Bill Langham — e já mencionei isso — levei-lhe o livro; ele estava quase cego e li trechos de seu depoimento e o que eu havia escrito, e, no final de cada sentença, ele a pegaria e a levaria a um lugar diverso e se lembraria de novas coisas, e suas histórias pareciam adquirir novo sentido e, de alguma forma, quando acordei na manhã seguinte, esta frase me veio a cabeça: “a experiência nunca termina”, e percebi que para Bill Langham — e provavelmente para todos nós — as experiências que tivemos nunca terminam, porque as estamos refazendo constantemente, dando-lhes um novo sentido, re-lembrando; é bom colocar um hífen entre o re e lembrando, re-lembrando nossas experiências passadas. Isso ajuda? Sim? Não me esqueci da sua outra pergunta, mas retornarei a ela.

P: Alistair, eu gostaria de saber se você pessoalmente acredita numa escolha do objeto de investigação, em geral por parte dos historiadores, cientistas sociais, que seja movida por um certo asceticismo, quer dizer, qual a validade de uma pesquisa que não seja motivada por uma relação de paixão com o seu tema, com o seu objeto?

AT: Pesquisa em História Oral é uma experiência que exige tanto tempo e é tão difícil e por vezes dolorosa que, creio eu, você tem que ter razões muito fortes para pesquisar — e paixão é provavelmente uma boa colocação para isso. Seja isso um compromisso político para assumir, usar a História Oral para descobrir, para contar histórias que não foram ouvidas, ou pode ser, e descobri que, para mim, parte da razão pela qual trabalhei nesse projeto foi um compromisso político... de questionar e desafiar a lenda de *Anzac* e descobrir as histórias dos soldados das classes trabalhadoras; mas o que percebi no processo foi que havia também impulsos muito fortes, inconscientes, inicialmente autobiográficos, que haviam me levado a esse assunto; e percebi isso quando um amigo meu, que por acaso era analista, e eu

não estava fazendo análise, me perguntou: “Por que você gosta de conversar com esses homens velhos?”, “Por que você faz isso?”, e então ele mesmo disse (eu nunca havia pensado nisso): “Talvez seja porque você esteja tentando recuperar seu avô esquecido”, e provavelmente estava certo. Minha avó paterna morreu quando meu pai tinha 7 anos, e meu pai idolatrava sua memória; ela tinha sido uma australiana muito inglesa. Ela falava bem, tinha boas maneiras e, mais tarde em sua vida, ele passou a achar que isso era muito importante. Por outro lado, seu pai, que sobreviveu, se tornou alcoólatra, sua fazenda foi à falência; eles a perderam na década de 30, e ele foi muito insensível em relação a meu pai. Então, quando cresci, meu pai nunca falava sobre seu pai, que havia sido soldado na Primeira Guerra Mundial. Creio que em um nível inconsciente eu queria saber algo, estava tentando encontrar esse avô que jamais conheci... E talvez esteja levando um pouco longe demais, porém um dos impulsos autobiográficos, bem, dois dos impulsos autobiográficos, ao fazer esse projeto, foram, primeiro, falar com esses homens idosos era quase como falar com o avô desaparecido, mas talvez o outro impulso tenha sido também criticar a lenda de *Anzac*, o que seria talvez criticar meu pai, que também foi soldado. Então, como sabem, existem impulsos autobiográficos, e acho que você precisa de paixão e comprometimento para trabalhar em algo como História Oral, que, creio, seja mais compensador, mas também mais difícil que outros tipos de pesquisa.

P: Eu não sei se eu pude perceber um movimento pendular em relação às histórias dos soldados e, num primeiro momento, pareceu-me que eles aceitaram a versão oficial dos australianos valentes, e mesmo aqueles que voltaram psicologicamente machucados procuraram esconder, ou se esconder para não contradizer essa versão. Queria que você falasse sobre o assunto.

AF: Fred Farrel pegou o certificado e colocou-o na parede depois de ler a história oficial. Esta surgiu muitos anos mais tarde e era a de que soldados australianos eram corajosos, audaciosos e assim por diante. Nos anos 60 e 70, em parte por causa da História Oral e em parte porque as pessoas estavam entrevistando soldados na Grã-Bretanha, na Austrália e em outros lugares, sabe, a história de que os soldados eram corajosos e audaciosos não funcionou por si só. Alguns eram

audaciosos, alguns eram medrosos e assim por diante. E novas histórias sociais dos anos 70 deram a Fred uma história diferente que, de fato, tinha ligação com o que havia ocorrido com ele, e então pôde contá-la novamente. E, certo dia, quando voltei durante a segunda série de entrevistas, ele veio até a porta, me agarrou e disse “estou lendo este livro”; contou que passara a noite em claro e não conseguia largá-lo, e a motivação para ler esse livro vinha do fato de tratar de aspectos de sua experiência, que, durante seu passado, não haviam sido tratados. Havia então um processo de reafirmações, reconhecimento, através das novas histórias sociais, como, por exemplo, eu querer ouvi-las. Está claro? Sim.

P: É Claro. Será que nós poderíamos extrair dessa experiência uma generalização, um método, para outros acontecimentos da história oficial?

AT: Espero que sim, pois creio que, em qualquer trabalho de História Oral que você faça sobre qualquer assunto, as histórias que as pessoas contam acerca desse aspecto de sua vida, seja vida em família, atividade política, trabalho, serão também histórias públicas. Elas podem não ser grandes lendas nacionais, mas serão histórias públicas a respeito da vida em família nos anos 30, ou acerca de como era o trabalho em uma fábrica, ou de um determinado evento político. Histórias públicas sempre existirão, e, portanto, creio que meu modelo é que, quando examinamos as entrevistas, ouvimos e lemos as entrevistas com as quais estávamos trabalhando. Uma das coisas que temos de fazer é ver quais são as relações entre o modo como esse indivíduo se lembrou de suas experiências e os tipos de história pública dessas experiências; e pública para mim não se restringe apenas às histórias da televisão, dos livros e assim por diante. “Pública” pode ser um conceito muito menos abrangente, o público pode ser uma família, pode ser o público do local de trabalho, ou de um clube. Então, dentro da família, existem algumas histórias que se tornam mais convincentes e aceitas. Se você olhar álbuns de família, eles lhe contam uma história muito particular e específica sobre a história daquela família. Então quando uma pessoa olha esse álbum, tem de fazer a ligação entre o sentido do seu passado e a forma como é representado e, nesse processo, talvez aspectos de suas experiências pessoais sejam deixados de lado ou venham à tona, e ela tem que os enfrentar. Acho que estou dizendo que, em nossas lembranças, em quaisquer lembranças, sempre existirá algum tipo de luta ou tensão entre nossas experiências pessoais e essas lembranças, e as histórias coletivas ou públicas dessa experiência

ou evento. Meus exemplos a respeito de soldados australianos estão muito distantes, e tudo aconteceu há muito tempo, mas espero também que o modelo geral seja útil em qualquer projeto de entrevista. Pois não?

P: Um dos aspectos que você tratou na sua conferência foi acerca da memória e da identidade, e talvez pela rapidez com que foram faladas na primeira parte, essas questões não ficaram muito claras. Eu gostaria que você voltasse a elas um pouco, por favor.

AT: Bem, creio que o que me ocorre neste instante é que existe uma relação dialética entre nossas lembranças e nossa identidade. Construímos nossa identidade em relação a histórias de outras pessoas a nosso respeito e nossas próprias histórias a nosso respeito, histórias a respeito do nosso passado e nosso presente e acerca daquilo que queremos nos tornar. Assim, se nossa identidade é nossa percepção de quem somos agora, quem fomos e quem queremos nos tornar, não é apenas uma história, pode ter várias correntes, pode ser fragmentada. A memória é obviamente uma parte crucial disso, pois uma parte muito importante é, “de onde vim”, “como me tornei quem sou agora”. Então as maneiras pelas quais contamos nossas histórias do passado são uma das formas cruciais pelas quais construímos nossa percepção de quem somos agora. Muito bem. Não sei o que deveria acrescentar. Isso ajuda? Vocês gostariam que eu me estendesse sobre algum assunto em particular um pouco mais? E imagino que o outro ponto importante que eu estava tentando passar é que frequentemente vai existir uma tensão entre nossa idéia, aquilo que queremos ser agora e, talvez, aquilo que aconteceu no passado. Então uma das lutas da nossa lembrança é a tensão entre experiência passada e identidade atual. Uma das coisas que fazemos é tentar trabalhar novamente nossa experiência anterior, então se encaixa com quem nós pensamos e queremos... quem nós pensamos ser agora e aquilo que queremos ser agora. Portanto, de certa forma, existem duas tensões ou lutas que desejo salientar. Uma é essa luta em um nível mais pessoal ou psicológico entre nossa identidade e nossas lembranças e a tentativa de alinhá-las e outra é a luta entre nossas próprias experiências e lembranças e as histórias públicas. E creio que, quando analisamos as histórias em nossas entrevistas, essas seriam as duas tensões que eu gostaria de explorar no depoimento oral. A luta entre minha história e as histórias públicas da minha vida, e a luta entre

como quero me representar como uma pessoa agora e de onde vim e a luta para mudar a percepção do meu *self* (eu) através das lembranças. Certo?

P: Alistair, teu trabalho sobre os veteranos de guerra é muito recente, bom, mais ou menos recente, e um dos objetivos do trabalho é o retorno que depois advém dele. O seu trabalho desmistificou uma lenda coletiva de um fato heróico australiano. Você já tem algum retorno de como foi a repercussão pública sobre essa desmistificação? Você teve curiosidade de saber acerca disso, como é que repercutiu na Austrália?

AT: É uma boa pergunta. Uma das coisas que acontece quando alguém se propõe a desmistificar uma lenda é que aborrece muitas pessoas. Quando comecei a escrever a respeito da lenda de *Anzac*, a escrever críticas, a dizer que soldados australianos às vezes tinham medo e às vezes fugiam do front, essas coisas praticamente nunca tinham sido ditas. Há dois anos, escrevi um pequeno artigo em um periódico inglês desconhecido e o editor fez um *press release* a respeito de fugas de soldados australianos, com base em histórias que me haviam sido contadas, não para dizer que todos os australianos eram covardes, mas sim que, como todos os soldados, alguns homens ficam e outros fogem. Sabe, é complicado como você reage na guerra, mas o editor desse periódico fez um *press release* que foi lido na Austrália. Por acaso, eu estava lá quando isso aconteceu, estava na praia, e meu tio veio com um jornal cuja manchete da primeira página era “Historiador britânico ataca soldado australiano”. Eles partiram do princípio de que eu tinha de ser britânico, pois obviamente um verdadeiro australiano não criticaria australianos. Então, nesse nível, a história gerou muita raiva e preocupação, e meu pai, que havia sido ele próprio um soldado, ficou muito perturbado com esse trabalho e me pediu para mudá-lo, sabe, sugeriu que eu mudasse coisas na redação e assim por diante. Em nível pessoal e público é difícil. O que foi realmente interessante é que, quando meu livro foi publicado — nele havia depoimentos de soldados australianos —, até historiadores conservadores, que discordavam da minha maneira de compreender a lenda de *Anzac*, foram muito cautelosos ao criticar o livro, pois incluía as histórias de homens encarados como heróis nacionais. Atacar o livro de História Oral era também atacar os soldados. Por isso, a crítica foi mais moderada nesse estágio, e acho que algumas pessoas começaram a ver através do livro e dos livros de outras pessoas que as experiências dos soldados australianos e soldados, em qualquer lugar, são muito mais complexas do que o tipo de lenda nacional restrita e artificial.

P: Alistair, você trabalhou um pouco uma questão de uma tensão entre memória individual e memória coletiva ou pública. Agora, pensando em trabalhos com comunidades, com grupos de trabalhadores como scringueiros ou então sobre uma cultura sertaneja, como é que você pensaria a relação entre a memória individual e a memória dessas comunidades.

AT: Um projeto em que estive envolvido recentemente, semelhante a esse, foi um de História Oral em Brighton que é a cidade na qual moro, com uma editora engajada com história comunitária, chamada Queens Park Books, para a qual eu trabalhei. Brighton é uma das capitais de gays e lésbicas da Inglaterra. É uma comunidade gay muito ativa e próspera, mas os arquivos das bibliotecas de Brighton não têm história a respeito da vida dos gays. Tínhamos um grupo de História Oral explorando histórias orais de gays e lésbicas em Brighton, neste século, e era político como todo trabalho de História Oral com qualquer grupo marginalizado e silencioso. E a respeito desse tópico sobre memória individual e coletiva, imagino que uma das coisas que estava acontecendo nesse projeto era que as pessoas olhavam para o que eram histórias públicas através do jornalismo, livros e filmes de gays e lésbicas em Brighton. Em segundo lugar, você sabe o que eram as histórias que as pessoas queriam contar a respeito de sua vida e quais eram as diferenças entre suas histórias e os tipos de artigos de jornais e assim por diante, e ainda quais eram as conexões. Como o fato de saber, por um artigo de jornal, que você era esse tipo de pessoa teria afetado sua identidade e sua maneira de lembrar o passado? E as entrevistas, eu não as fiz, foram feitas por um grupo de História Oral de gays e lésbicas. Uma das coisas que eles disseram foi que entrevistar tornou-se muito difícil e complexo, pois as pessoas muitas vezes estavam contando as histórias pela primeira vez e, freqüentemente, se viam presas à forma como outros as haviam visto, e presas entre isso e a maneira como queriam se ver e se mostrar. Realmente não posso falar acerca da experiência brasileira, mas creio que qualquer grupo marginalizado pode muito bem, dentro de sua comunidade ou grupo, elaborar suas histórias nos seus próprios termos. Entretanto, essas histórias estarão, freqüentemente ou sempre, em conflito com histórias mais persuasivas de outras pessoas que querem representá-los de formas diversas. Então, uma das lutas e questões na História Oral, em projetos comunitários, é não apenas contestar as histórias públicas mas estar ciente de que há um processo de interiorização destas histórias públicas e que as entrevistas são freqüentemente um processo para des-

fazer e encontrar as histórias de sua vida, que não estão, digamos, contaminadas por relatos que não traduzem a sua realidade. Isso faz sentido?... Ah! O projeto de História Comunitária.

P: Imagino que você possa falar mais acerca do seu trabalho agora em grupos comunitários.

AT: Continuo trabalhando com esse grupo, Queens Park Books, como voluntário e, no momento, estamos fazendo um trabalho de História Oral da comunidade pesqueira em Brighton. Trabalho na Universidade de Sussex, no Centro de Educação para Adultos. Um dos problemas que identificamos é que descobrimos que havia uma verdadeira divisão entre a teoria, os novos tipos de teoria sobre memória e subjetividade e a prática. Todos esses debates estão acontecendo nas universidades e nos meios acadêmicos, muitas vezes em nível internacional, e existe uma verdadeira divisão entre a nova sofisticação teórica por um lado, e os projetos de História Oral na prática, que freqüentemente têm uma pauta política. Então uma das coisas que fizemos nos últimos três anos foi criar um curso para as pessoas de nossa área que estão envolvidas em projetos de história comunitária, em grupos de reminiscência, em hospitais ou entidades assistenciais. Eles traziam seus projetos e falavam a respeito deles, e nós tentávamos fazer ligações entre as leituras teóricas e os projetos práticos. Creio que, para mim, um dos problemas principais no movimento de História Oral na Grã-Bretanha hoje é essa divisão entre o meio acadêmico, entre universidades e os debates acerca da memória e História Oral. O movimento de História Oral em grande parte não está nas universidades, mas nos projetos comunitários, em asilos para idosos e assim por diante. Então algo que eu e meus colegas estamos tentando fazer, e que parece muito com o que vocês estão fazendo aqui em São Paulo, pelo que conversei com seus alunos ontem, é estabelecer a ligação entre projetos que se relacionam aos objetivos e propósitos de determinadas comunidades e debates a respeito do trabalho de História Oral.

P: Alistair, esses projetos nos quais você trabalha são projetos multidisciplinares? Que tipo de pessoas trabalham nesses projetos? São só historiadores, historiadores orais? Como vocês trabalham com as diversas possibilidades de seus trabalhos?

AT: O grupo do qual participo se chama Queens Park Books. Começou há cerca de 25 anos e é uma editora da comunidade local que publica autobiografias escritas da classe trabalhadora e desenvolve projetos de História Oral. O projeto Queens Park Books sempre incluiu cerca de dois, três, quatro ou cinco acadêmicos, mas a maioria das pessoas envolvidas no projeto é local, freqüentemente pessoas mais idosas que viveram na área, ou de pessoas que manifestam interesse no tema em questão. E depende dos diferentes projetos, mas nenhuma parte do trabalho é feita pela universidade. Eu trabalhava no projeto e agora trabalho na universidade, mas continuo como voluntário no projeto. Então é um grupo de pessoas locais que estão interessadas em mudar a história de Brighton que é o tipo de história pública; é uma história muito convencional e conservadora de palácios reais e edifícios caros e reis e rainhas, e a maioria dos moradores de Brighton não é assim.